

RESENHA DE *CÃES À ESTRADA E POETAS AO MORGUE*, DE DEUSA D'ÁFRICA. ALCANCE EDITORES, 2022

Sávio Roberto Fonseca de Freitas



Novos tempos, novos combates

Os tempos de agora nos fazem pensar sobre como tantas manifestações do caos, a saber: pandemias, guerras, crimes ambientais, neocolonialismo invasor, novas ditaduras, feminicídios, racismos, homofobia, transfobia, negacionismos, necropolítica; vem levando a humanidade a se (re)construir por meio de muitas desconstruções que nos levam a combater, resistir, sobreviver e, emergencialmente, criar estratégias plurais de agregação social e políticas humanitaristas. Mais uma vez, a literatura se torna o espaço de comunhão solidária

para fazer refletir sobre o mundo escatológico a que nos submetem a aceitar antidemocraticamente.

A literatura moçambicana contemporânea vem, por meio da produção literária de escritores e escritoras da geração século XXI, territorializando uma literariedade que faz emergir discussões tensionadas pelas mais diversas relações de raça, classe e gênero. Recuperando discussões desenvolvidas pela poesia combate de José Craveirinha (1922-2003) e Noémia de Sousa (1926-2002), nomes recorrentes para sinalização de inspiração e respeito na poesia na contemporaneidade por serem considerados o pai e mãe dos poetas na fase nacionalista da literatura moçambicana. Estes poetas deram vida a vozes que, pela sinfonia dos tambores, evocavam a liberdade pelas tantas invasões feitas por uma colonização portuguesa e por uma cumplicidade traidora por parte dos moçambicanos; nasce emergencialmente uma fase neo-combate na literatura moçambicana.

Esta fase surge para reivindicar o lugar de uma literatura de protesto estético e ideológico frente aos novos rumos de discussão que a arte vem tomando no mundo e cada vez mais hasteando uma bandeira de humanitarismo que une ativismos políticos, ativismos ambientais, feminismos, negritudes, movimentos LGBTQIA+, antropofagismos contemporâneos, escatologias, religiões, filosofias, antropologias, psicologias

e várias maneiras de se discutir estratégias de sobrevivência diante de uma era apocalíptica orientada pelo caos do existir.

Com base nestas colocações acima, a literatura moçambicana de autoria feminina não pode ser mais lida como uma produção isolada e acanhada como nos tempos das lutas de libertação e da guerra civil, quando as mulheres eram muito mais invisíveis e violadas das mais diversas formas pelos colonizadores e pelo machismo moçambicano. Nesse sentido, a pauta da infância na literatura moçambicana aparece como uma preocupação no que tange a formação intelectual das crianças, as quais precisam entender as novas pautas de batalha de uma país que ainda convive com várias formas de exploração endógenas e exógenas. Buscar um equilíbrio na literatura se torna uma missão urgente:

Uma literatura equilibrada se desenha com a pluralidade de vozes dos seus escritores. A voz das mulheres não morreu, mesmo esmagada pelo peso das tradições, que encerram os seus doces acordes na solidão das cozinhas. Nem sucumbiu perante a tirania do patriarcado e das suas religiões fanáticas. Ela sobreviveu e se foi afirmando, com escritoras irreverentes, que quebraram o mito ao longo das gerações: foram elas a Clotilde Silva, Noémia de Sousa, Lília Momplé, Lina Magaia. Novas mulheres foram escrevendo, publicando como gotas de água no oceano. O número de escritoras vem crescendo gradualmente, com mais pujança,

provando ao mundo que a literatura feita por mulheres é uma linha contínua, essencial, não pode morrer, e nunca se deve calar. (CHIZIANE, 2014, p.11-12, grifos nossos)

O fragmento acima é retirado do prefácio intitulado *O canto do Futuro* feito por Paulina Chiziane ao livro *A voz das minhas entranhas* (2014), de Deusa d'África. Percebemos que a mãe dos escritores contemporâneos nos dá aqui vários subsídios para se pensar sobre uma literatura feita por mulheres e, inevitavelmente, entrega-nos o projeto estético e ideológico que a mesma nomeia como o “canto do futuro”: uma literatura desenhada pela pluralidade de vozes; poética da sobrevivência; escrita irreverente; e uma literatura feita pelas novas mulheres. Neste projeto, encontramos a escritora Dércia Sara Feliciano Tinguissse, conhecida na roda das escritoras moçambicanas como Deusa D'África, nasceu em Xai-Xai, província de Gaza, no dia 05 de julho de 1988. É mestre em Contabilidade e Auditoria e, atualmente, é professora na Universidade Pedagógica e na Universidade Politécnica, em Moçambique. É Coordenadora Geral da Associação Cultural Xitende, palestrante, ativista cultural, promotora do direito à leitura e mentora do projeto Círculo de leitores. Atua como colunista do Jornal Correio da Palavra, da revista portuguesa InComunidade e do Jornal Literário Pirâmide. Escreveu as obras *A Voz das Minhas*

Entranhas (poesia), editado pelo Fundac em 2014; *Equidade no Reino Celestial* (romance) e *Ao Encontro da Vida ou da Morte* (poesia), pela Editora das Letras de Angola em 2016.

Deusa d'África é líder do Grupo Xitende, o qual já pode ser considerado com um movimento de poesia de resistência cultural em Moçambique. Este grupo se insere como um dos maiores colaboradores para o entendimento do que é a fase neo-combate na literatura moçambicana. A poesia publicada por este grupo ainda é de difícil acesso no Brasil, o que nos chega é disponibilizado pela própria Deusa d'África, considerada pelos xitendes com a Rainha de Gaza e como madrinha dos poetas novos. Homens e mulheres que compõem este grupo realizam anualmente o Festival de Poesia de Xai-Xai, o qual reúne muitos novos escritores que ainda não possuem tanta visibilidade no país. Vale ressaltar que a atual gestão da AEMO (Associação dos Escritores Moçambicanos) não vem dando a devida importância a produção destes escritores pelo fato de não fazerem parte de um seleto grupo que vive em Maputo. Nesse sentido, a fase neo-combate também tem como objetivo dar visibilidade aos escritores e as escritoras que são segregados e invisibilizados por questões políticas de classe e gênero.

Sobre Cães à estrada e Poetas ao Morgue

Recentemente, Deusa d'África publicou o livro de poesias *Cães à estrada e poetas ao morgue* (2022), uma coletânea que comprova o amadurecimento de um projeto estético e ideológico do feminismo afro-moçambicano na literatura. Esta coletânea de poesias e micronarrativas poéticas funciona como um soco no peito do conservadorismo patriarcal moçambicano. A escritora traz à baila temas como: morte, fome, guerra civil, corrupção, sexo, pornografia, machismo, inconformismo social, militância, infância roubada, ingenuidade induzida, dentre outros que perturbam a mente do público leitor em relação ao caos natural da contemporaneidade:

A produção lírica desta poeta não é um acalanto que embevece o leitor; também não é uma expressão poética-amorosa que comove os mais sensíveis; tampouco é simplesmente um amontoado de palavras obtusas com pretensão artística. Nada disso: a poesia de Deusa d'África é um golpe de azagaia. Ela dessorsega, perturba, rouba a paz, tira-nos a letargia. (RIAMBAU, 2022, p.7)

Concordamos com posicionamento da pesquisadora Vanessa Riambau, quando categoriza a poesia de Deusa como um golpe de azagaia, e nos encorajamos a acrescentar que a mesma faz dos versos combustível para inflamar a

mente de quem recepciona a sua arte. Se há uma pretensão na arte da referida poeta, é colocar em desconforto toda uma hipócrita estabilidade comportada do existir. Na esteira desse pensamento fica a questão de como a infância é pensada em seu novo rebento poético:

As crianças nas escolas aprendem a realizar trabalhos de pesquisa em pornografia, todos os manuais de consultam que procuram para os seus deveres de casa são pornográficos, os links visitados para pesquisa cibernética são também pornográficos. (D'ÁFRICA, 2022, p.15)

O fragmento acima corresponde ao Prólogo homônimo ao título da coletânea. Fica, então, uma sugestão da escritora em relação a que propósito leva as crianças ao estudo, à investigação, à busca do conhecimento, ao aprimoramento da leitura, ao letramento crítico e literário. Sendo Moçambique um país ainda muito machista, notamos por parte de Deusa, neste prólogo, uma preocupação com a educação primária e secundária das crianças, assim como também a educação doméstica. A pornografia, aberta nas páginas virtuais da internet, tornam-se um vírus que ameaça o estágio da doçura de ser criança: meninos e meninas começam a vida sexual muito cedo, por terem acesso muito precoce ao entendimento do corpo como um objeto de prática sexual sem sentimento e sem valores.

O violino de Sara

Cortaram os tendões do violino de Sara!

Artistas desta cidade são inoperantes
não trabalham, não comem, mas tocam e
cantam,

sobre a canção do violino da Sara

Sara, menina aprumada.

Pai educado comprou o violino.

Pai zeloso matriculou a Sara na escola
portuguesa.

Sara não faz unhas em gel pra tocar violino

Sara não usa perfume *Carolina Herrera*

pra se juntar aos tocadores e aprender a
tocar

o seu violino

com gente que cheira ao perfume de marca suor.

Sara não penteia seus longos cabelos

que inundam o pente e os móveis de antipatia

pra sorrir com tocadores de violino, gente que
cheira a pobreza.

Cortaram os tendões do violino de Sara!

Artistas são vira-latas

não levam jeito gratuito

nem comprado pra nada.

Não conhecem Drummond

nem versos rasgados de Deusa d'África
porque pai só recebe pra comprar arroz e
óleo

quando pode um *smartphone* e Go tv
e não livros que causam tédio.

Mas tocam, violinos que não compram.

Arrastaram o violino de Sara
Tocaram a noite inteira em Magoanine.

Vizinho intolerante tolerou as unhas do tocador.
Vizinho intolerante tolerou a música da *EDM*
na rua sem lua de Magoanine
pelas unhas com sol de tocador.

Toca e toca o violino sem parar
não há tarifa nem licença pra impedir o
espetáculo

do violino
porque todos pagam a crescente tarifa da
electricidade lunar
para que o violino toque alumando a cidade
de medo.

Tocaram os tendões
violino sangrou
violino chorou
violino gritou
vizinho tentou acudir chamando a lei e ordem
mas a lei e ordem não tem unhas pra tocar

as unhas não tem esmalte para se exhibir em
espetáculos
telefones para chamar a manicura não tem saldo
nem tinta na esferográfica pra anuir a saída do
pessoal ao espetáculo
e parar as ondas do violino que toca sem
parar
em Magoanine.

A cidade chorou pela canção adentro.

Os tendões cansaram de tocar e
arrebentaram.

Cortaram os tendões do violino de Sara!
(D'ÁFRICA, 2022, pp.22-23) (Grifos da autora)

O poema acima traz a menina Sara que vive em bairro periférico chamado Magoanine. O violino representa a ligação da menina com a poesia, com a arte, com a escola, com a vontade de se fazer notar em um território onde prevalece o machismo, a ignorância, a violência, a antipatia, a intolerância, o choro, a lei, a ordem. O refrão *Cortaram os tendões do violino da Sara!* perpassam o poema como que uma nota destoada que se configura como um desalinhamento musical do instrumento, mas também como uma azagaia afiando as possibilidades de interpretações camufladas nas entrelinhas dos versos. Sara é uma menina aprumada, que possui um pai educado e que a matricula em uma escola

portuguesa. Tais informações comprovam o colonialismo que envolve a estória que se canta no poema. O próprio violino já coloniza o verso que se fratura com o corte dos tendões. O canto moçambicano não se alinha às notas clássicas do violino, muito pelo contrário, o corte dos tendões entoa um impacto muito mais próximo ao ritmo xitende em que se insere *os versos rasgados de Deusa d' África*. A educação portuguesa não corrompe a moçambicanidade de Sara, a qual não se alinha ao estereótipo de mulher eurocentrada, como se pode notar por meio do encadeamento dos versos *Sara não faz unhas de gel pra tocar violino/ Sara não usa perfume Carolina Herrera.....*, ou seja, Sara não é uma menina economicamente privilegiada.

Ao insistir no corte dos tendões do violino, a poeta mostra que meninas não podem se deixar comprar, ou invadir, ou ser possuídas por uma sociedade que só privilegia artistas vir-latas. Através de Sara, Deusa marca seu território poético de militância e de humanização frente ao caos desumano em que se insere a sociedade moçambicana. Sara representa a criança pobre de periferia que pode se fazer notar por meio da arte.

Querida Disney

Princesas pretas têm ouro e tronos

são belíssimos anjos de se ver em seus reinos

tem amor humano no peito igual aos outros

tem vida e roteiro digno de se contemplar
tem dentes de luz que alumiam a noite
tem estrelas enormes ao seu olhar angelical
tem história, sorriso, vida e alma, também.
No retoque da história carcomida pela
censura
matam reis e os reinados editando a história
para remover os negros do que os pertence na
alusão feita
instigando a pequenada negra a reconhecer as
princesas de outras cores. (D'ÁFRICA, 2022, p.56)

O poema cima traz o uso da poesia ao exercício da função da literatura infantil, de educar brincando, através da linguagem simples e acessível às crianças, divertir ensinando para que o bem prevaleça e se resignem do mal. As princesas negras representam um empoderamento feminino de reorganização do mundo para a conviver com várias diversidades. O sorriso é trazido como uma terapia para a cura do mundo através de suas diversificadas cores tais como a vida e a luz, e, o sorriso, como a luz que ilumina o planeta e comprimido da alma humana, e que nos abre as asas para que, através da paz que nos proporciona, possamos exercer o nosso voo, que simboliza a nossa liberdade. A cura do mundo, através do sorriso, da verdade que deve prevalecer a todos os momentos da vida, a conquista de sonhos por

via do empenho e trabalho provocam uma leitura de mundo antirracista, democrática e humanizadora.

Considerações nada últimas

O livro *Cães à estrada e Poetas ao Morgue* é um divisor de águas para a produção literária de autoria feminina em Moçambique, principalmente pelo modo com que a voz poética de Deusa d'África trata temas de extrema urgência para o país. Ressaltamos aqui os poemas que tocam no tema da infância, mas vale dizer que a coletânea é realmente conduzida pelo lume da azagaia e pela força inflamável da poesia, ao ponto de nos fazer pensar sobre o caos em que o mundo se encontra. Os poetas declinam ao morgue e nos levam junto, fazendo crer que a palavra poética humanizadora que canta para o futuro é uma possibilidade emergente de nos reerguer com seres humanizados.

Para quem for ousado e obtiver coragem, fica o convite para dolorosa e perigosa caminhada sob comando da Rainha dos Xitendes.

Sigamos!

Referências

CHIZIANE, Paulina. O canto do futuro. *In: D'ÁFRICA, Deusa. A voz das minhas entranhas*. Maputo: Ciedima, 2014.

D'ÁFRICA, Deusa. *Cães à estrada e Poetas ao morgue*. Maputo: Alcance Editores, 2022.

RIAMBAU, Vanessa. Poesia como azagaia: a poética-manifesto de Deusa d'África. *In: D'ÁFRICA, Deusa. Cães à estrada e Poetas ao morgue*. Maputo: Alcance Editores, 2022.

Sávio Roberto Fonseca de Freitas

Doutor no Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPB, Campus I - CCHLA, João Pessoa, na área Literatura e Cultura.

Desenvolveu Estágio de Pós-Doutorado em Literaturas Africanas de Língua Portuguesa no PPGL-UFPA (2014-2016), no PPGLEV -UFRJ (2018-2019) e no PPGL-UFAL (2019-2020).

Professor Associado 1 de Literaturas de Língua Portuguesa no Departamento de Letras do CCAE-UFPA (Campus IV-Mamanguape) e do PPGL-UFPA (Campus I-João Pessoa).

Líder do Grupo de Pesquisa MOZA (Moçambique e Africanidades), cadastrado no CNPq e certificado pela UFPB.

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0001-7541-3377>

E-mail: savioroberto1978@yahoo.com.br